A IMPORTÂNCIA DA MÚSICA NA FORMAÇÃO COGNITIVA DE CRIANÇAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL

SEVERINA ENEIDA DA SILVA

Resumo

O presente artigo tem por objetivo analisar como as crianças percebem, pensam e sentem a música, assim também fazer com que o docente reveja seus objetivos, não focando no que a criança não sabe, mas quais são os meios de propiciar conhecimentos, ou seja, o que deve ser acrescido ou descartado no processo para atingir os objetivos de aprendizagem. Destaca-se a importância de introduzir a música na vida das crianças, mesmo em ambientes com recursos limitados, propondo atividades que utilizam materiais recicláveis para desenvolver a percepção sonora, espacial e promover interação social em grupos. Além do entretenimento, a música é vista como uma ferramenta para estimular a criatividade e facilitar o desenvolvimento em diversos contextos sociais. O professor desempenha um papel crucial ao incorporar atividades lúdicas, como cantar, produzir sons corporais e explorar materiais sonoros, para promover interação e resposta das crianças, evitando limitar o contato das crianças apenas a repertórios infantis estereotipados e de baixa qualidade, promovendo o acesso a acervos musicais mais elaborados para aprimorar a percepção musical. Na Educação Infantil, a linguagem musical desempenha um papel crucial na formação da identidade, autonomia e integração da criança no mundo, permitindo a expressão e representação do mundo através da música. O acesso a um amplo repertório histórico e cultural enriquece as experiências musicais das crianças e contribui para a construção de sua identidade.

Palavras-chave: Educação infantil, comunidade escolar, musicalidade, percepção.

Introdução

Este estudo se fundamentou na necessidade de abordar a relevância da percepção do corpo, gestos e movimentos na Educação Infantil por meio da musicalização. Tanto a criança quanto os profissionais educacionais que lidam com elas desempenham papéis cruciais nesse contexto. Compreender o desenvolvimento infantil, reconhecendo o corpo da criança como ativo, é essencial para uma abordagem integral do indivíduo. Atentando à crítica explanada no RCNEI (BRASIL, 1998) sobre a abordagem de música geralmente observada nas escolas, que a percebem como produto pronto a ser assimilado e reproduzido, frequentemente a música é utilizada como uma forma de ensinar valores, hábitos de higiene, atitudes e comportamentos socialmente desejáveis na infância. Nesse sentido, consideramos a linguagem musical em sua forma de produção e apreciação, como indicado no Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil. Produção — centrada na experimentação e na imitação, tendo como produtos musicais a interpretação, a improvisação e a composição; Apreciação — percepção tanto dos sons e silêncios quanto das estruturas e organizações musicais, buscando desenvolver, por meio do prazer da escuta, a capacidade de observação, análise e reconhecimento (BRASIL, 1998, p.48). Segundo o RCNEI, atividades que envolvam “Ouvir música, aprender uma canção, brincar de roda, realizar brinquedos rítmicos” (BRASIL, 1998, p. 48) são meios de despertar e desenvolver o gosto pela música, além de permitir expressar aspectos afetivos, estéticos e de ordem cognitiva.

As crianças percebem que a música está em todos os lugares e que há diversas maneiras para produzi-la, mesmo em escolas ou espaços da comunidade que tenham poucos recursos, principalmente instrumentais. Sendo possível através de atividades que reaproveitam materiais recicláveis, entre outros que, também, auxiliará no desenvolvimento de sua percepção sonora, espacial, exploração dos seus limites e dos limites do outro, bem como a interação social dentro de um grupo que esteja inserido em um mesmo contexto de descobertas. Dessa forma, o papel da música vai além do entretenimento, ela desperta a criatividade e oferece caminhos para que a criança consiga se desenvolver em diferentes meios sociais.

A prática musical poderá ocorrer por meio de atividades lúdicas, dessa forma o professor estará contribuindo para o desenvolvimento da percepção e atenção das crianças em algumas atividades como, por exemplo: cantar, produzir sons corporais (palma, batida nas pernas, batida dos pés etc.), quando dança com eles, quando utiliza brinquedos cantados e rítmicos, rodas e cirandas. Isso pode favorecer a interação e resposta das crianças, seja por meio da imitação e criação vocal, dos gestos corporais, da exploração sensória motora ou de materiais sonoros como: objetos do cotidiano, brinquedos sonoros e instrumentos musicais de percussão. O RCNEI (BRASIL, 1998) orienta a integração do trabalho musical às outras áreas do conhecimento por haver um contato estreito entre as demais linguagens expressivas, como o teatro, as artes visuais, o movimento, e ainda alerta para o cuidado em exercitar as questões especificamente musicais. Conforme é indicado neste documento, a música muitas vezes acaba ocupando um papel coadjuvante, descontextualizado e sem intenções pré-definidas, as

propostas em linguagem musical deveriam ter como aspecto central elementos específicos da música, visando o desenvolvimento da escuta, as percepções de unidades menores, a apreciação do todo e das partes, a fim de compreender o que a música está transmitindo.

Desta forma, podemos reconhecer que a música é um excelente meio de desenvolvimento da expressão, do equilíbrio, da autoestima e autoconhecimento, além de poderoso meio de integração social" (BRASIL, 1998, p.49). Nas orientações didáticas do RCNEI (BRASIL, 1998) podemos verificar indicações acerca da ampliação do repertório de canções para desenvolver a memória musical. O documento ressalta também o cuidado que o professor deve ter para não limitar o contato das crianças com o repertório dito "infantil", muito estereotipado e de baixa qualidade. Esse descuido poderia roubar oportunidades de contato com acervos musicais mais elaborados e dificultar o refinamento da percepção musical. Além disso, o RCNEI (BRASIL, 1998) indica a valorização da produção musical tradicional do país, bem como a produção internacional, visto que possuímos uma vasta diversidade cultural, que merece destaque no trabalho pedagógico. A partir disso, consideramos que apresentar produções musicais de outros países também favorece a valorização da linguagem musical como produto humano que carrega suas diferenças dentro das semelhanças. Ademais, na apreciação da beleza da diversidade sonora podemos desenvolver sentimentos de respeito e empatia, já que a expressão musical está presente em todas as culturas e épocas. A importância da linguagem musical na Educação Infantil se dá na contribuição desta para a formação humana e construção da identidade da criança, assim como de sua autonomia e para sua integração no mundo. Ter acesso ao amplo repertório histórico e cultural da música da humanidade contribui para a ampliação das experiências musicais das crianças e possibilita a apreciação de diferentes aspectos da música, que contribuem para a constituição de sua identidade, além de possibilitar que a partir da música a criança expresse e represente o mundo.

1 – A interação da criança com a música na educação infantil.

Em uma sociedade, entende-se que as crianças explorem e compreendam essas noções, sem implicar necessariamente em um ensino sistemático dos conceitos e subconceitos de um tema ou conteúdo de forma isolada e descontextualizada. As variações de velocidade e densidade serão abordadas por meio de brincadeiras e jogos, permitindo que as crianças experimentem e internalizem essas ideias através da imitação e reprodução de sons.

Na perspectiva de Vygotsky (1991) "a aprendizagem é o resultado da interação dinâmica entre a criança com o meio social", sendo que o pensamento e a linguagem recebem influências do meio em que convivem. O funcionamento cognitivo está relacionado à reflexão, planejamento e à organização das estruturas lógicas e vai adequando-se à mediação simbólica e social. Os sons e os ritmos fazem parte da vida dos indivíduos desde a infância, ou seja, desde os primeiros anos de vida, o indivíduo está em contato com a música ou a expressão musical, direta ou indiretamente. Sendo assim, a música exerce nas crianças significativa influência positiva. Por esse motivo, o ritmo produzido pelo encadeamento de alguns sons e a música propriamente dita são instrumentos riquíssimos para o trabalho pedagógico, pois contribuem para a socialização, construção da identidade e autonomia e, também, contribui para o exercício de concentração, de relação consigo e com o outro. Assim, a música perpassa seu conteúdo técnico, a experimentação, a audição e contribui para uma formação mais integral da criança.

De acordo com o RCNEI (p.70), na educação infantil a música estabelece uma forte ligação com o brincar, uma vez que este é considerado a principal atividade das crianças. Dessa maneira "jogos e brincadeiras são expressões da infância [...], brincar de roda, ciranda, pular corda, amarelinha são maneiras de estabelecer contato consigo próprio e com o outro". Portanto, as crianças ao brincarem, produzem sons e os torna parte deste ato, porém, com os avanços tecnológicos, os videogames, aplicativos e demais jogos virtuais, elas não têm tempo, espaço ou necessidade de deixar que a criatividade flua, visto que a profusão da indústria cultural é ampla e abarca os diversos âmbitos sociais. Com a infância não é diferente: muitas brincadeiras vêm prontas em discos que serão reproduzidos em consoles. Nesse sentido, uma proposta vem ao encontro da ludicidade na infância, busca uma alternativa ao mundo instantâneo para propiciar um ambiente estimulante, de criação, imaginação e participação das crianças, a partir de atividades lúdicas e planejadas para envolver as crianças.

A música não envolve só voz e instrumentos, ela começa a partir da produção dos sons. Como criar música em uma sala vazia onde o único instrumento é o corpo? A proposta de inicializar as crianças na educação musical, começando pela produção de sons oriundos do contato com o próprio corpo, conduzindo-as a inventar sem ter recursos materiais utilizando somente às mãos, desenvolvendo a habilidade psicomotora, ações colaborativas, criatividade e socialização a partir da transformação do corpo em um instrumento musical. O RCNEI (1998) destaca a importância do gesto e do movimento por estes estarem fortemente relacionados ao trabalho musical, enfoca

que: “A realização musical implica tanto em gesto como em movimento, porque o som é, também, gesto e movimento vibratório, e o corpo traduz esse movimento através dos diferentes sons que percebe”. (Op. cit., p. 61). As atividades propostas devem apresentar-se de forma recreativa, educativa e socializadora, oferecendo oportunidades às crianças de educar o ouvido, despertar o gosto, a sensibilidade musical e a capacidade de improvisar. Entretanto, devemos estar atentos no fazer pedagógico, que muitas vezes acabam sendo realizados de forma mecânica e tradicional nas escolas, queremos exemplificar aqui, formas de atividades contextualizadas, dinâmicas e motivadoras para serem desenvolvidas através da música. Para caminhar rumo a esse intuito, o professor deve empenhar-se para que todas as aprendizagens sejam significativas para a criança. A prática docente bem-intencionada e o planejamento do professor auxiliarão a criança nesse processo em que a estimulação e a experimentação serão necessárias para que os objetivos sejam alcançados, pois para aprender é necessário estar motivado e interessado. A música na educação infantil está relacionada com o lúdico, dessa forma podemos desenvolver junto com as crianças, atividades como a construção de “instrumentos musicais” “instrumentos sonoros”, utilizando materiais recicláveis e assim estimular a criatividade com a oportunidade de explorar materiais diversos. As crianças aprendem melhor vendo e fazendo, ao invés de apenas serem mandadas. Em vez de lhes ordenar um fato, encontre formas pelas quais elas podem ver esses fatos com seus próprios olhos. Por exemplo, pode organizar visitas à área externa da UE para procurar materiais prontamente disponíveis como: pau, pedra, galhos...

É importante que o professor possa estar atento a maior ou menor adequação dos diversos instrumentos à faixa etária da criança, desenvolvendo nelas atitudes de respeito e cuidado com os materiais musicais; nesse sentido, a experiência de construir materiais sonoros é muito rica. De acordo com Brito (2003), a construção de instrumentos musicais é uma atividade que desperta a curiosidade e estimula a experimentação de sons, faz com que a criança realmente se envolva com a atividade e possa se tornar uma ouvinte atenta. Outro fato importante é a proximidade dela com o que fez e a significação que tal instrumento passa a ter para ela. O professor deve, porém, tomar alguns cuidados essenciais com o material, que precisa ser primeiramente selecionado para excluir aqueles que possam ferir as crianças. Assim, como deve estar atento para as chances que aparecem durante esta atividade, para ampliar a experiência das crianças com a história dos instrumentos e como estes eram e são usados atualmente. Ainda de acordo com Brito (2003, p. 69), o estímulo à pesquisa de novas fontes sonoras deve fazer parte do dia a dia das crianças, portanto a construção de instrumentos é fundamental para o trabalho com elas, já que é uma das melhores formas de exploração sonora.

Ao construir seu instrumental, a mediação do professor deve orientá-las para a atenção à riqueza sonora de seu projeto e as diversas oportunidades de obter sons diferentes em um mesmo instrumento. Dessa forma, compreende-se fonte como sonora, todo e qualquer material produtor e propagador de sons: produzidos pelo corpo humano, pela voz, por objetos do cotidiano, por instrumentos musicais, entre tantos outros, pode-se fazer música com todo e qualquer material sonoro. Portanto, a construção de instrumentos musicais surge do contato com os sons da natureza e do manuseio de materiais naturais; assim, surgiram as primeiras flautas de bambu, os primeiros tambores (feitos de troncos de árvores e peles de animais) e instrumentos de cordas (feito com tripas de animais). Os instrumentos musicais foram criados a partir da observação dos sons da natureza em busca de reproduzi-los, como extensão do corpo humano, ampliando as possibilidades de expressão musical para além dos sons vocais e corporais. Assim, os instrumentos apresentam, diversas estruturas e sonoridades, e a partir dessas características foram classificados em três famílias ou grupos: cordas (com arco, dedilhadas ou acionadas por teclado), sopro (de madeira e metal) e percussão (de altura determinada ou indeterminada). Em 1914, os musicólogos Sachs e Horns, baseados nos princípios acústicos (no modo como os instrumentos produzem som), propuseram a classificação que se segue, interessante em razão de sua abrangência. (Apud. BRITO, 2003, p.60). Essa classificação permite incluir, no trabalho com música, instrumentos musicais de qualquer época e cultura, produzidos com qualquer tipo de material, e também classificar objetos e instrumentos criados pelas crianças com utilização das mais diversas matérias primas.

Segundo Brito, (2003) as classificações dos instrumentos são:

Aerofones: o som é produzido pela vibração de uma massa de ar originada no (ou pelo) instrumento. Exemplos: flauta, clarinete, oboé, órgãos de tubos, trompete, acordeom, etc.

Cordofones: o som é produzido por uma ou várias cordas tensas, amplificadas por uma caixa de ressonância. Exemplos: violino, violão, harpa, cavaquinho, etc.

Xilofone: é o nome genérico para vários instrumentos musicais, mais precisamente idiofones percutidos, que consistem em várias lâminas de madeira dispostas cromaticamente.

Idiofones: o som é produzido pela vibração do corpo do instrumento, feito de material elástico naturalmente sonoro. Exemplos: chocalho, reco-reco, xilofone, sino, triângulo carrilhão, etc.

Membranofones: O som é produzido por uma membrana esticada sobre uma caixa que amplifica o som. Exemplos: todos os tipos de tambores.

Eletrofones: é a categoria mais nova, adicionada pela chegada dos instrumentos elétricos e eletrônicos. Exemplos: teclado, sintetizador e guitarras elétricas.

A autora salienta que instrumentos de todos os grupos podem ser confeccionados pelas crianças, à exceção dos eletrofones. (BRITO, 2003, p. 72). Assim, o trabalho na educação infantil deve considerar todos os instrumentos musicais. Para Brito (2003, p. 65), é importante misturar instrumentos de madeira, metal ou outros materiais, explorando as diferenças entre os sons produzidos por eles, assim como os diversos modos de ação para tocar cada um. De acordo com o RCNEI (1998, p. 69), os instrumentos podem ser feitos de sucatas e materiais recicláveis que devem estar bem cuidados e, sobretudo, limpos, e estes após prontos, devem ser guardados de modo prático e funcional. O professor pode desenvolver em sala de aula oficinas não só para construir instrumentos, mas fazer música com eles.

2 – A relação da família e a música na Educação Infantil

Refletir sobre a interação entre escola e família implica compreender que ambos desempenham papéis significativos no processo educativo. Não se trata de atribuir maior ou menor importância a um deles, mas de reconhecê-los como meios cruciais para assegurar o progresso educacional das crianças. A interligação entre escola e família é complementar, sendo essencial para o desenvolvimento harmonioso da criança em ambas as esferas. A família desempenha um papel fundamental, sendo a primeira base e influência na vida da criança, moldando sua conduta com base nos costumes e estilo de vida. Cabe à família ensinar, educar e integrar a criança na sociedade e no meio musical, transmitindo valores e orientações necessárias para seu desenvolvimento (RIBEIRO; BÉSSIA, 2015).

A escola, por sua vez, tem a responsabilidade de ensinar, auxiliar e desenvolver métodos que contribuam para a construção do conhecimento. O convívio escolar, tanto com colegas quanto com professores e funcionários, demanda respeito. A educação formal desempenha um papel crucial no desenvolvimento humano, complementando a formação do caráter no contexto social. Quando alguém adquire conhecimento, apropria-se da cultura construída pela humanidade, como evidenciado no domínio da escrita por parte da criança, refletindo o desenvolvimento cultural humano. A colaboração entre família e escola é essencial, destacando-se a importância do envolvimento dos pais desde o início, demonstrando interesse na vida escolar, presença constante e apoio. A participação ativa dos responsáveis, compreendendo a administração e método de ensino, fortalece a relação entre a família e o ambiente escolar. Conforme apontado por Ribeiro e Béssia (2015), é pertinente que o estímulo da família se estenda para além do ambiente escolar. Nesse momento, evidencia-se a relevância dessa conexão, sendo essencial que escola e família estejam alinhadas para preservar a qualidade da educação da criança. Consequentemente, ter conhecimento das tarefas escolares, compreender as atividades em sala de aula e, sempre que possível, encorajar a criança em casa são oportunidades de envolvimento familiar. Essas intervenções devem se integrar à rotina familiar, tornando-se parte do cotidiano. Além disso, fortalecer, junto à criança, a compreensão da importância da frequência escolar é um elemento crucial nesse processo.

Vygotsky (1994) afirma que sempre que a criança é incentivada na aprendizagem, seu desenvolvimento potencial é otimizado. Assim, os esforços de ambos os atores são essenciais para o progresso da aprendizagem, pois à medida que está se expande, o desenvolvimento infantil também cresce. Para Vygotsky, a escola tem o papel de construir conceitos científicos, enquanto a família deve estimular o desenvolvimento dos conceitos cotidianos da criança. Segundo o autor, é fundamental que a família insira a criança na escola e a acompanhe, observando como o processo de aprendizagem se desenrola, ressalta que a educação e o acesso à escola são entendidos como algo geracional. Muitos familiares, podem não perceber a importância desse acompanhamento devido à falta de vivência na infância. Caberia à escola fortalecer, junto aos familiares, essa relevância e implementar dispositivos que incentivam a participação das famílias no desenvolvimento educacional dos alunos. Desde o início, a criança requer mediação por parte do professor, dos pais ou de um adulto para se desenvolver na sociedade. Para essa construção, utilizamos diversas abordagens, abrangendo aspectos sociais, culturais, motores e cognitivos. Recorremos a recursos disponíveis, como música, jogos, brincadeiras e até mesmo a comunicação verbal.

Considerações Finais

Possibilitar através da vivencias que as crianças percebam que não é necessário saber tocar um instrumento para fazer música, perceber a relação do movimento cor-

poral com música. O olhar que busca captar o desenvolvimento, as expressões, a construção do pensamento e do conhecimento, deve identificar, também, seus potenciais, interesses, necessidades, pois, esses elementos são cruciais para que planejamos as atividades ajustadas ao momento que a criança vive. Assim, o objetivo da avaliação é melhorar a forma de mediação do professor para que o processo de aprendizagem alcance níveis mais elevados" (BRASIL, 2012, p. 14). A avaliação permite ao educador repensar, revisar e buscar novos significados para a sua prática pedagógica, além de orientar todo o trabalho docente. Portanto, conforme as sábias palavras de Luckesi, O ato de planejar o ensino e avaliar os resultados intermediários e finais da aprendizagem dos educandos, ou seja, o ato de avaliar [...] não se dá, e nem pode dar-se, em separado do planejamento e da execução do ensino. Planejar, executar e avaliar são partes de um mesmo todo, que é o ato pedagógico; um, por si, todo indissociável. (LUCKESI, 2011, p.121).

Nossa prática deve ser orientada pela intencionalidade do trabalho docente, na qual se projetam fins e se estabelecem meios para atingi-los por meio do diálogo entre professores. É imprescindível que o professor avalie constantemente seu trabalho. O professor deve avaliar para constatar se o aluno está preparado para adquirir novos conhecimentos, para detectar as dificuldades de aprendizagem e suas causas, para verificar o alcance dos objetos de ensino e para analisar a eficácia do planejamento e da adequação das estratégias adotadas, e para intervir propondo atividades que visem superar dificuldades. O erro não deve ser encarado como uma falha que leve ao sentimento de culpa ou frustração, mas como parte integrante da construção do conhecimento. Nesse sentido, a atitude adequada em relação ao erro consiste em analisar e discutir suas causas, procurando alternativas de solução. O erro propicia ao aluno o autoconhecimento, levando-o a questionar as razões que o determinaram, bem como sua lógica de correção. Ao professor, o erro oferece pistas sobre o desenvolvimento do aluno, reorientando procedimentos didáticos.

Para o professor, compreender esse conhecimento é crucial, pois o corpo é intrinsecamente social, carrega consigo uma história e representa uma construção coletiva. Reconhecer o corpo da criança como expressão de suas vontades, desejos e recusas é fundamental. Ensinar envolve proporcionar autonomia à criança para fazer escolhas, promovendo um aprendizado saudável em relação ao seu corpo, contribuindo para a formulação de sua identidade e cultivando um sentimento de pertencimento no mundo.

A presença da música na Educação Infantil desempenha um papel significativo. Através dela, as crianças conseguem expressar-se de maneiras que não seriam possíveis apenas com palavras. A música é valiosa para desenvolver a coordenação motora, o senso rítmico e melódico, o pulso interno, a voz e o movimento corporal.

É muito fácil dizer que cada um precisa construir sua aprendizagem, porque muitos estudos mostram isso. Mas, para ter uma abordagem construtivista, é necessário colocar à disposição dos estudantes estímulos de diversos tipos, tempos diferentes, oportunidades de pesquisar.

Concluo, portanto, que seja necessário que o educando desde a tenra idade tenha possibilidades, através de situações criadas pelos educadores, terem acesso a vários tipos de músicas. A música tem um papel tão importante e significativo na sociedade que podemos dizer que ela cria novas identidades, novas formas de inserção social, novas maneiras de pensar e agir. Assim temos que ponderar que cada criança tem um formato e um momento todo seu, dentro de sua história de existência particular. A autonomia da criança está sujeita dó quando ela se sente segura e pronta a replicar, para isso precisará se perceber diante das suas experiências e habilidades.

Referências

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil. MEC/SEF, 1998.

BRITO, Teca Alencar de. Música na educação infantil: propostas para a formação integral da criança. Editora Peirópolis, 2003.

BROUGÈRE, Gilles. A criança e a cultura lúdica. In: KISHIMOTO, Tizuko

Morchida. 2002.

O brincar e suas teorias. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, s/p.

FONSECA, V. Introdução às dificuldades de aprendizagem. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

FREITAS, Luiz Carlos de. Avaliação da aprendizagem: Relações professor-aluno na sala de aula. In: FREITAS, Luiz Carlos de et al. Avaliação Educacional: Caminhando pela contramão. Rio de Janeiro: Vozes: 2009.

LUCKESI, Cipriano Carlos. Planejamento e avaliação na escola: Articulação e necessária determinação ideológica. In: LUCKESI, Cipriano Carlos. Avaliação da aprendizagem escolar: Estudos e preposições. Capítulo VIII, p. 121-137. São Paulo: Cortez, 2011.

RICHTER, Sandra; FRONCKOWIAK, Ângela. A tensão lúdica entre brincar e aprender na infância. Pátio- Educação Infantil, ano IX, nº 27, abr/jun 2011, p. 39-41.

SARMENTO, Manuel Jacinto. As culturas da infância nas encruzilhadas da 2ª modernidade. Disponível em:

http://cedic.iec.uminho.pt/textos_de_trabalho/textos/encruzilhadas.pdf

SCHAFER, R. Murray. O ouvido pensante. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1991.

SILVA, Alessandra Nunes de Castro. Trilha de sons, construindo a escrita musical. Música na Educação Básica. Londrina, v.4, n.4, novembro de 2012.

VYGOTSKY, L. S. A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. 4ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1991.